N.º 2

Preço—50 RÉIS

COLABORADORES

Director e proprietário—ÁLVARO PINTO

Editor e administrador—TÉRCIO MIRANDA

Redacção e administração

Rua da Alegria, 218—PORTO

Porto - Tip. da Emprega Guedes - Rua Formosa, 244

SUMÁRIO

Revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica

SAI A 1 E 15 DE CADA MÊS E SÓ PUBLICA INÉDITOS

N.º 2 — 1.ª Série Porto, 15 de Dezembro Ano I — 1910

A ÁGUIA

REVISTA QUINZENAL

Director e proprietário, ÁLVARO PINTO
Editor e administrador, TÉRCIO MIRANDA

Preço do número — 50 rs.

Assinatura — 10 números, 500 rs.

Redacção e administração
Rua da Alegria, 218 — Porto.

Composto e impresso na Tipografia da Empreza Guedes, R. Formosa, 244-Porto.

TOLSTOÏ

Sinto na face o rubor de Dante quando encontrou Virgilio, a caminho do *seu* Inferno, ao tomar a penna para escrever sobre Tolstoï. Escrever ácerca de alguem é encarar com esse *alguem;* é olhál-o em pleno rosto.

E eu sinto que, n'este momento, a divina figura do Mestre, desfazendo distancias, quebrando a tampa recente do sepulcro, se alevanta perante os meus olhos caidos de respeito, timidos da sua propria audacia, envergonhados como os de Dante...

Fallar d'um morto é, de alguma forma, resuscitá-lo. A Palavra tem poderes magicos e demoniacos; o som que ella deixa no ar e a forma que ella imprime no papel, são da mesma materia da bengala de Mefistofeles e da lyra de Orfeu... Por isso, eu tenho mêdo de lidar com as palavras, principalmente quando se dirigem a uma Creatura humana como Tolstoï, esse actual Phantasma Russo feito de todas as sombras e dôres da Humanidade, pairando sobre as florestas nuas e as stepes nevadas, apavorando, nas meias-noites de vento e chuva, as almas egoistas dos grandes senhores que governam o Imperio russo, prendendo, matando e deportando. Mas esse Phantasma, que para os criminosos é negro, quando se aproxima das humildes choupanas dos moujiks, illumina-se como a noite depois da estrella de alva, envolvendo-as n'um amoroso dia redemptor.

Tolstoï soffreu genialmente a *Dôr Russa* que é um dos maiores Imperios da Dôr Humana. Todo o tremendo cahos russo existiu na alma cósmica de Tolstoï, durante os annos da sua vida, procurando, anciosamente, a synthese harmonica e fraterna. E Tolstoï teve a *sua* visão da hârmonia futura d'esse Cahos. — Como alcançal-a? — Religiosamente. E então começou a pregar a sua Religião dimanada do Evangelho de Christo que, deante dos seus olhos, tomou um sentido talvez mais puro ainda e elevado. Dois mil annos decorreram sobre as paginas d'esse Livro; dois mil annos de visão religiosa criaram a *visão tolstoïana.*

TOLSTOI (Desenho de Jaime Cortesão.)

Aquelles olhos encovados e sombrios, de que nos fallam os seus retratos, abertos n'um rosto tôsco e selvagem que lembra um esboço humano de serra, parecem olhar d'uma profundidade imensa de tempo; dir-se-ha que a luz visionaria que os illumina, foi roubada, como outr'ora o fogo celeste, ás primordiaes nebulosas, ao sol, ás estrellas, na hora da sua creação. Por isso, aquelles olhos que parecem olhar desde o Principio das Cousas, souberam vêr, e portanto, *crear* um destino á Alma Humana. Sim: elles atingiram a Sombra mysteriosa que paira Além de Tudo, dirigindo os homens e os deuses, e a quem o proprio Jupiter obedece... Tolstoï apontou um destino á nossa alma. Não descubriu uma *Finalidade* porque na Natureza não existe *um fim:* mas *creou-a espiritualmente;* e desde esse instante creador, a Vida humana começou a ter *um fim;* a vida humana ou, pelo menos, a vida de Tolstoï e todas as vidas que se casaram com ella e por ella fôram fecundadas e orientadas.

O mundo, isolado do pensamento humano, é uma cousa amorpha, sem sentido, semelhante a uma confusão de nuvens; mas integrado n'esse pensamento, elle define-se, adquire o seu aspecto logico, torna-se um corpo com principio e fim. O pensamento faz da Natureza o mesmo que um

esculptor faz d'uma pedra; converte a sua confusão material n'uma harmonia espiritual. O homem quando nasceu, encontrou o mundo incompleto; faltava-lhe o seu pensamento. Este, ao vêr o Espaço deserto, povoou-o de Deuses; e subordinou a vida a um destino, a *um fim superior*. E a partir d'esse momento, *esse fim* começou a existir realmente. Que é a Verdade? Aquillo em que se acredita! O Crer na eternidade é ser eterno.

Tolstoï, fallando a milhares de almas que o comprehenderam, foi o representante d'uma parte do genero humano. Foi um *Eleito*. N'isto consiste a sua gloria derivada do seu genio, que é a faculdade que raras almas têem de viver, no mesmo instante, em muitas almas. O *Genio é simpathia*. A palavra que fica perpetuada em milhares de ouvidos, é uma palavra genial: o fluido que a forma, foi tirado á Attração dos mundos e das estrellas.

Tolstoï, como Prometheu, roubou a Divindade; e esse *Furto* sublime é a sua gloria eterna, porque a maior gloria para a creatura humana é pôr os pés no dominio dos deuses.

Sim: Tolstoï foi um homem genial. A sua figura epica e barbara, alevanta-se ao lado de Sophocles, Shakespeare, Cervantes, Dante e Hugo.

A sua sêde divina saciou-se nos veios mais profundos da Vida; e os seus olhos contemplaram a face eterna das Cousas.

Tolstoï é o Animal transcendente, vencendo a sua animalidade, e conquistando o Reino do Espirito. Arrancou do seu proprio sêr, com as suas proprias mãos, o que trouxe das entranhas maternas e d'esse outro ventre, mais vago e profundo, que se chama o *Passado;* fez do seu velho sêr um *novo sêr; nasceu pela segunda vez*, por virtude e força da sua vontade occulta e mysteriosa,—*vontade* que é a essencia do universo e que, portanto, joga livremente com os seus elementos.

Como Nietzsche, Tolstoï foi o homem que se gerou a si proprio. Nietzsche, nos seus primeiros tempos literarios, *não era nietzscheniano*, nem Tolstoï *tolstoïano*.

Estes homens não têem pae nem mãe; semelhantes aos Titans, são filhos da Terra e do Céu.

Tolstoï, creando a *sua verdade*, foi absolutamente sincero, como todos os creadores. Nos tempos modernos, elle foi a mais alta expressão da Sinceridade.

—Não serei eu um charlatão, já que fallam tanto em mim? perguntava elle um dia. A sinceridade tem sempre medo de *não ser sincera*. Tão rara é esta virtude, que ella propria desconfia sempre de si! Se Deus existisse, elle duvidaria perpetuamente da sua divindade.

A phrase acima citada, projecta grande luz na alma mysteriosa do genial escriptor. Heroica, pobre e dolorosa Alma, perseguida pelo Corpo; vendo-o, constantemente, como n'um pesadêlo nocturno! Serei acaso sincero? Isto é: eu, *alma*, não serei acaso *corpo?* eu, luz, não serei mais que uma sombra? Eis o intimo drama de Tolstoï que, ha poucos dias, terminou, no meio de canticos religiosos dos ventos do inverno e dos camponezes, e no silencio da neve caindo sobre as desoladas planicies.

Este drama representa a maior altura que seu espirito attingiu; ou antes, a maior profundidade a que elle desceu. N'este drama, Tolstoï é um grande Philosopho; e um Philosopho *desce* sempre. O abysmo attrae-o; onde reina a escuridão é que elle gosta de viver; a sua alma é como as aves noturnas: ergue seu canto na noite...

Mas em Tolstoï outro espirito existia: o espirito da Luz e da Graça, das luminosas superficies candidas; o Espirito que sobe, e é evangélico e amoroso...—Nunca esqueceremos a tua bondade, Leão Nicolaievitch! exclamavam os moujiks, rodeando o seu leito de morte. Estas almas rusticas e simples eram a superficie limpida por onde a sua alma religiosa vagueava, porque a profundidade a que ella, ás vezes, descia, perguntava-lhe: —serás tu sincero?

Estes dois aspectos espirituaes do Mestre, fizeram d'elle o homem duro e philosopho, enternecido e apostolo, que ama os seus semelhantes, prohibindo-lhes, ao mesmo tempo, a alegria do prazer animal satisfeito, a verde alegria terrestre, tão ingenua e pura como a alegria da alma religiosa depois de orar, porque estas *duas alegrias* são da Natureza; e, fundidas n'uma só, constituem *a alegria de viver*.

A sua doutrina religiosa póde pertencer á Vida, mas não pertence a *esta* vida. Tolstoï, como todos os sêres intelligentes, vivia em dois Reinos: no Reino Animal e no Reino Espiritual. Ora, o homem póde sonhar como *espirito*, mas só póde agir como *animal*. De aqui resulta a eterna contradição entre aquillo que se pensa e aquillo que se faz. E' impossivel dar realidade corporea ao que é realidade incorporea. O homem que Tolstoï sonhou é um *Sêr* já d'outro Reino, inadaptavel ao nosso Reino Animal. Por isso, a sua Obra Evangelica faz-me lembrar uma árvore que, em certos momentos, avistasse, para além dos seus ramos, as aves voando e cantando; e viesse depois pregar ás outras árvores que fossem como as aves que voam e cantam!

Tolstoï, Sêr Animal, *viu* o Sêr Espiritual que criou; e, extasiado e deslumbrado, disse ao animal:—Sê espirito! Este erro, que deu origem á Arte, nasce da propria superioridade do homem que póde vêr o mundo que se lhe segue. O mineral não vê o vegetal; o vegetal, de certo, não vê o animal; mas o animal intelligente *já vê* o espirito que lhe é superior, assim como vê as outras fórmas inferiores da mesma Vida, porque todas ellas estão integradas na Natureza, têm realidade cósmica, o rochedo e a planta da mesma fórma que o sonho e o amôr.

Por isso, affirmei que a obra religiosa de Tolstoï póde pertencer á Vida, mas não á vida que o homem vive como sêr animal que é. O espirito dominou completamente Tolstoï, atirando com elle para além da Terra e das Estrêllas! A sua Figura rustica, secca, escaveirada, reduzida a sonho, apparece-nos ao pé de D. Quixote—essa sublime e imortal Caricatura tragica!

A penna mystica de Tolstoï e a lança heroica de Quixote, presas n'um abraço, são as extremidades dos ultimos raios d'este fóco imenso de luz espiritual que o sangue e a carne do Homem alimentam, e que explende e brilha, sem um fim,

sem um destino talvez, como os lyrios florescem e como os astros gravitam...

Mas a obra tolstoïana perderá, portanto, o seu valor? De forma alguma! Póde não ser util a um paiz, a uma raça, até mesmo ao genero humano, mas é util á Natureza inteira que ficou, depois d'ella, mais augmentada em vida espiritual, mais liberta e redimida. Sim: o Sêr Animico que Tolstoï criou, veiu tornar mais povoado o Reino Espiritual, onde o Universo encontra a sua ultima perfeição.

A materia serve-se do homem para alcançar a sua perfeição; mas não a realisa n'elle, como o vegetal, por exemplo, não póde realisar em si a perfeição animal. E a arvore está para a ave assim

TOLSTOI (Desenho de Júlio Ramos.)

como o nosso corpo animal está para o nosso corpo animico. A carne e o sonho, a pedra e a flôr pertencem a Reinos differentes. São a mesma Força ou a mesma Materia, mas em diversos graus de evolução cosmica; a alma é carne redimida; a carne é alma escrava.

A grandeza de Tolstoï consiste no imenso poder que elle teve de *crear espiritualmente*, realisando, d'este modo, o *seu fim animal*. Na vasta campina humana, elle foi, n'estes ultimos annos, a sua leiva mais fecunda. Do pequeno espaço do seu sêr brotaram, á luz da Vida, imensas florestas espirituaes, séaras sem fim, infinitos fructos!

Tolstoï, como Cervantes, Hugo, Shakespeare, Virgilio, dilatou o ultimo Reino em que se divide a Natureza e no qual todos os outros Reinos se vão integrando e libertando. A terra vae-se integrando na planta; a planta no animal; e este na creação animica.

O *mais perfeito* attráe o *menos perfeito* no mundo moral, como no mundo phisico o *maior e mais denso* attráe o *menor e o menos denso*. O homem tende para Deus, como um corpo para o centro da Terra. Um individuo, contemplando as suas fraquezas e miserias, cria espiritualmente um individuo liberto d'essas fraquezas e miserias, isto é, um Deus. E que fica a ser a sua vida? Uma *tendencia constante* para esse mundo superior que elle criou. E o mesmo se dá com as sociedades.

Hamlet, Julieta, Hercules, Quixote, Eneias passeavam, um dia, atravez do seu Reino Espiritual, quando viram um novo sêr da sua especie que se aproximava d'elles: era Nekulodov.

Por isso, a morte de Tolstoï; esterelisação de uma leiva fecunda, foi uma catastrophe para o Reino Animal que desceu, e para o Reino Espiritual que estacionou no seu desenvolvimento.

A alma humana, ao lado da alma das cousas, chora sobre o tumulo de Tolstoï; os oito carvalhos, que o vigiam, rodeando-o amorosamente, ouvem os cantos e as orações dos camponezes e com elles cantam e rezam.

A Humanidade e o Universo estão de luto.

Teixeira de Pascoaes

A esthetica de Tolstoi

Quando a seu tempo, de longe e de alto, se possa destacar no seu aspecto pittoresco e distincto cada uma das theorias estheticas que o fim do seculo findo provocou, de Wagner a Nietzsche, de Ruskin a Tolstoi, ha-de ver-se nellas distinctamente a profunda aspiração idealista duma epoca que embalde procurára matar a sêde na fonte sêca do positivismo.

Mas nenhuma nos aparece mais ingenuamente idealista e tocada dum luar coado de prophecia antiga do que essa do formidavel romancista d'*A Guerra e a Paz*.

A quem conhece as bases organicas da sua esthetica parecerá estranha a minha afirmação. E' que os principios scientificos que a dominam não pertencem a Tolstoi, mas ao critico francês Eugène Veron que o seu livro *O que é a Arte?* veiu rehabilitar do esquecimento proprio dum tempo futil.

Tolstoi entrou a escrever num tempo em que o Bello-absoluto era dogma. Havia por esse tempo um genero mais que todos caracteristico que pas sou á historia das coisas futeis com o nome de opera italiana. O academismo dominava a pintura e a esculptura. E Tolstoi, nascendo num paiz que produzira já Gogol e Tourgueneff, tomou naturalmente pelo caminho oposto, lançando-se na observação, e perdendo de vista «os modêlos eternamente juvenis» do conceito horaciano.

Em certo momento da sua vida, esse homem que em toda a sua obra combatêra de facto a *arte pela arte*, sentiu o perigo do modêlo francês ganhar fóros de universal e toda a gente tomar para si as formulas *symbolistas*, que Tolstoi não soube encarar como meras fórmulas de occasião. Do isolamento solemne de Ysanaia-Poliana lançou ao mundo o seu verbo, em que os vendilhões da arte eram fustigados; e como seria preciso um arcaboiço scientifico para apresentar uma fórmula

FLÔR DE MISTERIO

Divina flór da Árvore da Vida.
O Amor inunda as almas de perfume...
— Primavéra de noite amanhecida,
— Alvorecer de piedoso lume...

Alto sonhar da Árvore que eleva
A nebulosa copa aos altos ceus,
A clarear de Amor a espessa tréva,
Abrindo o nosso olhar á luz de Deus...
Árvor' de Dôr, astral, erguendo os ramos
Em alturas que a névoa nos esconde,
E enraízada... (...E em vão interrogamos
A alma, a noite, o Universo...) — aonde?

Póde-se lá saber? Falam profétas,
Beijam-se labios, num desejo etéreo,
E, no silencio extatico, os poetas
Perdem o olhar profundo no misterio...
De noite, a alma escuta, atenta á beira
De si propria, do abísmo... Dentro de agua
Palpitam as estrelas á maneira
De olhos piedosos, húmidos de magua...
E ouve-se a voz longinqua... — Sem cansaço
Os longes de agua cantam, embalando...
— E ala-se a alma, em sonho, pelo espaço,
— Ouve-se alguem, dentro de nós, resando...

Á beira da alma o espirito é ceguinho,
E' pequeno de mais... — Póde lá vêr!...
— Vêr a alma é resar devagarinho,
— Postas as mãos, — chorar sem o saber...

Aza de vôo, sonho, amor, candura,
E devoção e enternecida prece,
Vôam p'ra Deus... — Somente a formosura
Fica na alma e em lagrimas floresce...

E o espirito é cego... E não escuta
O que dizem as lagrimas... E em vão,
Á beira da Alma, com fervor, prescruta
O largo oceano, a vasta imensidão...

Póde-se lá saber?... — Ás vezes, quando,
Abraçadinho a mim, sinto que choras,
E os meus olhos nos teus veem, chorando,
Esplendores de lagrimas, — auroras;
Quando te tenho sobre o meu regaço
E tu me chamas, a sorrir: — «Mãesinha» —,
Ou quando, brandamente, num abraço,
A tua alma de Amor se abraça á minha;
Quando tu, meu Amor, devagarinho
Beijas meus olhos e a cantar me embalas,
E no silencio em flôr do teu carinho
Eu oiço musicaes, divinas falas;
Quando, meu Santo Amor, quando me dizes,
Com devoção — e choras — versos teus,
— Somos tamanhos, somos tam felizes
— Em nosso amor, que nos sentimos Deus!

Porque será que um beijo nos deslumbra
E nos deixa quietinhos, a escutar,
— A vêr clarões suáves na penumbra,
Adivinhando um íntimo luar?...

Porque será que tu me abraças tanto,
E me acarinhas como a tua Mãe,
E tens os olhos húmidos de pranto,
— Se te julgas feliz como ninguem?...

Porque te sinto assim tam pequenino,
Quando te beijo e quando, altivamente,
Teus versos vibram claros como um ino,
Embriagando o coração da gente?...

Porque choras e dizes que o Universo
É pequeno demais p'ra tanto Amor,
— Se tu resumes tudo num só verso,
— Se um beijo teu é a imensidade em flor!

— Póde-se lá saber?...
Eu sei que existo
Porque te adoro!... — E nada mais eu sei...

. . . .
. . . .

Lisboa, 1910.

Maria de Castro.

esthetica, o grande romancista, que nunca atravez da sua vida e da sua obra revelára aptidões criticas sérias, procurou naturalmente o que mais se adaptasse ao seu espirito e á sua concepção da vida,—modificando-o para as suas conclusões. Por isso mesmo se torna ainda mais curiosa a modificação que Tolstoi entendeu fazer á theoria de Véron.

E' sabido que para Véron a funcção esthetica é uma funcção organica, inseparavel da propria vida: aquillo que o nosso notavel critico sr. Antonio Arroyo synthetisou—*a vida é inconscientemente esthetica.* Porque o homem vive, a arte vive dentro delle a sua vida funcional, que, pelos meios sabidos de expressão, é o mais alto interprete dessa vida. De resto, já antes de Véron, Wagner tinha descerrado o mesmo em paginas maravilhosas de clareza e de precisão. A doutrina que nos aparece com o rótulo de Véron é apenas um conceito de arte, definitivo e ultimo, que só poude ser entrevisto quando o mundo conseguiu libertar-se de todos os preconceitos e escolas para poder olhar serenamente os monumentos da arte e a sua historia.

Ora Tolstoi, considerando a arte uma das condições da vida humana, entende (contrariamente á simples observação da sua função organica, contrariamente á natural exposição de Véron) que ella é alguma coisa que actua sobre as outras, e que por isso mesmo tem uma missão a cumprir. Facil é de ver que, sendo a arte uma condição da propria vida, o monumento artistico é a exteriorisação inconsciente das necessidades mentaes, *em dado momento,*—por isso mesmo que a arte se manifesta *constantemente.* Véron disséra assim:—a arte é a manifestação exterior de commoções interiores obtida por meio de linhas, de movimentos, de sons, de palavras, de côres. Tolstoi diz inexacta a definição citada, por que se podem exprimir em taes fórmas as emoções pessoaes, sem que a sua expressão actue sobre os outros,—caso unico em que é expressão artistica.

O romancista russo não reparou que os meios de expressão sam sempre os mesmos; e que o que torna variavel a obra de arte sam os agrupamentos sempre novos que com os sentimentos ou pensamentos se podem dar, já na formação, já na transmissão. A obra de arte assume sempre um caracter *expontaneo,* inteiramente antagonico do que Tolstoi procura dar-lhe.

E' que este simples caracter de *utilidade,* de *guia dos outros,* de Biblia contínua, era o unico que podia definir o Tolstoi dos ultimos tempos. Tolstoi, que é uma creatura que se contenta com as verdades intuitivas, só por uma necessidade—digamos *de auctoridade*—procurou fórmulas estheticas, quando a sua unica fórmula, a unica que emana dos seus ultimos livros, ficaria em duas unicas palavras: *sê util.*

E' que Tolstoi nunca viu o seu espirito levado á analyse das obras, das epochas, atravez do tempo, atravez da historia. Vendo o perigo *symbolista* alastrar, sem lhe conhecer as causas e os remedios,—reuniu os seus elementos condemnatorios na palavra *luxuria;* e partiu do nosso tempo, aplicando aos que nos distam séculos esse mesmo receio, que nasceu, *porque a esthetica symbolista nunca seria a esthetica do seu socialismo,* obra de *élite* como era.

Como poderemos portanto exigir que Tolstoi admire Eschylo e Shakespeare, Vergilio e Wagner, se elle não podia abranger a sua obra?

E tanto Tolstoi tira a sua fórmula da arte actual e dos seus aspectos dominantes, e tam sómente para contra ambos reagir,—que vai ao ponto de invocar para documento do seu conceito esthetico palavras de René Doumic onde se define um aspecto particular da arte *decadista,* ou melhor—da vida *decadista,* em que o fim final da vida e da arte seria a *luxuria.* Mistura assim os romances de Zola e de De Goncourt com os de Bourget e Peladan, para concluir que o *romance moderno* tem por mobil unico a condução dos

TOLSTOI (Desenho de João Augusto Ribeiro.)

personagens a uma scena de sensualidade e de luxuria. Certamente, esse *vient-de-paraître* egualsinho e banal, nunca foi erguido á cathegoria de obra de arte e de supréma flôr do tempo a não ser pelas damas elegantes, pelo Conde de Tolstoi, e pelos artistas *boulevardiers.* Porque a sociedade actual e a vida actual não sentem um *fim,* definitivo fim que possa aparecer em essencia nas obras de arte do tempo, as producções artisticas que satisfazem o paladar insensivel do grôsso só podem ser a expressão dessa vida diluida e decadente. As actividades isoladas, do seu proprio isolamento, procuram integrar-se na arte viva; por isso mesmo essas fórmas vivas desconcertam o público, que só tarde começa a fazer-lhes justiça.

Tolstoi, para provar que a arte contemporanea é fundamentalmente anti-popular, não ataca os fundamentos da arte, como seria logico, não investiga das suas fontes productoras e do seu apagamento no dia de hoje, mas invoca apenas um canon de Mallarmé que résa assim: «A claresa é capital defeito na poesia». Partindo d'aqui, Tolstoi não se demorou muito a vêr que *esta* arte só poderia ser cultivada por uma *élite*; donde concluiu que a arte que apenas uma *élite* é capaz de comprehender anda divorciada do espirito pópular. E como seria necessario justificar a aplicação da fórmula de Mallarmé a todas as fórmas de arte, preciso foi demonstrar que ao ocultismo systhematico da poesia lyrica correspondia o ocultismo de todas as fórmas artisticas. Para Tolstoi, Wagner e Brahms, Strauss e Boecklin, Burne-Jones e Puvis de Chavannes, Ibsen e Maeterlinck, descendem todos em linha recta do Marquez de Sade...

Esta maneira aprioristica de julgar, seria curioso segui-la até ao ponto em que Tolstoi afirma que Beethoven, depois de surdo, produziu apenas novellos de harmonia sem sentido, méras invenções *cerebraes* que ninguem de bôa-fé póde intender,—uma vez limitadas as faculdades auditivas, productoras, do artista. E o seu delirio sybarita de ver luxuria em toda a arte do seculo vai até ao erro tremendo de julgar a *Sonate à Kreutzer* de Beethoven um monumento de luxuria, de sobre esta vista falsa construir um romance, que em tudo se arreda da concepção beethoviana que Tolstoi não podia comprehender.

Parece-me interessante citar este exemplo para se averiguar o conceito nullo que Tolstoi possuia da evolução esthetica; e sobretudo para se ver como este artista, que condemnava o Bello-absoluto, *a arte pela arte*, ia ter precisamente a um caminho analogo destacando a obra para a submetter á *utilidade* de occasião. E' que Tolstoi, vendo toda a arte contemporanea atravez da *arte pela arte* e do conceito patricio de Joseph de Maistre, entende como unica obra digna do artista a expressão sincera e nobre de sentimentos que possam unir e melhorar os homens. E embóra o seu artista seja o que tiver a mais alta concepção da vida do seu tempo, para Tolstoi a arte é uma creação que parte do individuo e se subordina ao critério da maior utilidade. E' que a *Biblia* não é para o grande romancista o documento vivo d'uma raça, atravez duma fórma de arte, mas o Codigo de bondade, elaborado por prophetas e apostolos, para redimir o mundo. *Parsifal* é o homem ideal e puro que, liberto das convenções, attingiu a altura espiritual da vida pura, onde está esse calice que contém todos os sonhos e as maiores aspirações ideaes? Para Tolstoi deveria ser apenas uma figura mythologica, desenterrada dos tempos antigos, para assistir á scena tentadôra das Virgens-flôres. A *Nona Symphonia* é essa fórma quasi espiritual de expressão em que a precisão da linguagem se confunde com o indefinivel e profundo da fórma symphonica? Para Tolstoi seria um conjunto de sons produzidos no *cerebro* dum surdo, que não podia ouvi-los e senti-los.

Eis tudo. Até onde levava esta maneira de Tolstoi encarar a arte? A's mais extranhas conclusões.

Nesse cavaco já célebre com Georges Bourdon, em que Tolstoi affirmou a vulgaridade dos genios consagrados ao culto, teve palavras de calôr excepcional para Octave Mirbeau. Este exemplo parece-me caracteristico; e sobre elle insistirei, já que o lembrei. E' interessante conhecer o ponto de vista critico com que Tolstoi olhava os seus livros, e o justo criticismo com que encarava o mais artificial dos romancistas da actualidade, e o que menos qualidades de romancista revéla nos seus livros,—onde um talento espadana irregular e livre, na liberdade de quem procura um fim e a elle se sacrifica. E' este *fim*, o fim de demolição social, que Tolstoi admira em Mirbeau.

Mirbeau, impossibilitado de abjectivar os seus romances, alheiando-se dos seus personagens, procura defini-los por estribilhos caracteristicos que servem para dar ao typo um sabor especial, que se não encontra na sua psycologia, visto o autor não lha poder definir. Assim, Roch: *«Da... da...»;* O capitão Manger: *«ça c'est une idée»*. No *Journal d'une femme de chambre* raro é o personagem, dum ou doutro sexo, que não tenha a sua phrase caracteristica, quando, com ella, não tem tambem a sua mania propria. Citarei ao acaso Mr. Rabour, o da mania das botinas, que acabou a morder furiosamente o coiro amarello duma bota de Celestine, que engraxava, deliciado; *Le Capitaine Manger*,—para documentar com o mesmo exemplo,—que na ancia de verificar a sua grande fórmula—*«Je mange de tout... moi!»*—, deliberou comer o seu pequenino e favorito Kleber, que não daria por 2.000 francos, certo dia em que a *femme de chambre* de Mr. Lanlaire caíu em o interrogar sobre o sabor da sua carne... Tudo para poder continuar a dizer, com o seu ar de velho heroi recolhido á provincia. *«Il n'y a pas d'insectes, pas d'oiseaux, pas de vers de terre que je n'ai pas mangé»*.

Quer dizer: o romancista em frente da sua vasta galeria de personagens, não conseguiu um processo directo de caracterização, e teve de lançar mão, expontanea ou inconscientemente, de processos varios. E o acaso é que muitas vezes falhou o processo technico usado no *Journal*. Em verdade, quanto não seria preciso para nivelar um romance extenso, diario duma *femme de chambre*, por ella propria escripto no curto decorrer dum anno, e onde a sua vida aparece em revista minuciosa?

Mirbeau serviu-se sempre do mesmo processo: a recordação avivada por este ou aquelle *motivo*, por certo facto occasional. E se é verdade que Mirbeau consegue por vezes estabelecer habilidosamente a transição dum passado relembrado para o presente, como após a longa lembrança da casa de Mme. Paulhat-Durand, é verdade tambem que o proprio autor deixou caír o *truc* engenhoso e difficil de aguentar que presidiu á factura do romance. Assim, quando Celestine relembra o episódio que acabo de citar, e que é precisamente o ultimo episódio *passado* do romance, ella, que a toda a hora lançava os olhos para as casas alheias por onde tinha gasto a sua vida numa existencia facil e mundana, declara: *«Cette nuit,*

je vais la passer à remuer encore *d'anciens souvenirs, pour la dernière fois peut-être»*. Pela ultima vez? Porquê? Para quê? Porque o livro acaba? Para acabar o livro? Aquelle *encore* não foi pensado pelo personagem: — foi pensado e escripto pelo proprio autor.

Eis o *romancista* que Tolstoi admira — porque *deita abaixo*.

*

Essa extranha figura antiga que nos aparece em todos os seus retratos é porventura o melhor

TOLSTOI (Desenho de Luis Felipe.)

commentário á sua fé artistica. Evoquêmos esse olhar que parece viver habitualmente desviado do mundo na purificação das coisas simples, e que um momento, nesse momento em que o vêmos, encarou o mundo, no alheio olhar semicerrado de quem não póde ver a polychromia da vida, habituado a projectar as suas imagens sobre o mundo ideal num mundo de côres simples e eguaes, como a alma simples e egual do primeiro propheta ou do primeiro redemptor.

E não estejamos mais a projectar na fórmula artistica de Tolstoi a metaphysica que géra os conceitos de arte. *O que é a arte?* nasceu da illusão que a si mesmo se deu o proprio autor de que deveria objectivar o seu conceito artistico de fórma que o mundo pudésse segui-lo. Liberto do arcaboiço scientifico que Tolstoi pediu de emprestimo, apenas fica o traço limpido e primitivo do espirito de Tolstoi, — do Tolstoi prophetico da phrase prophetica.

Essa phrase fica na sua obra marcada por um livro dez vezes celebre: — *Ressurreição*. Pois bem: passados dez annos sobre o apparecimento ruidoso desse livro, ninguem de bôa fé conseguirá relê-lo sem o achar infantil.

E terá que regressar ao Tolstoi enorme da *Arma Karenine* e d'*A Guerra e a Paz*.

Coimbra — Dez. 7-1910. Veiga Simões

Tolstoi e Dostoiewsky

Quando, na minha mocidade, li pela primeira vez trabalhos litterarios de Tolstoi, o que me impressionou como inesperada e impresumivel nota peculiar e propria do genio do artista foi uma especie de videncia na morte após a morte, que me incutiu a surpreza do fulgor do assombro em uma das scenas da juventude militar do auctor no cerco de Sebastopol, durante a guerra da Criméa; e cuido que busquei marcar esta impressão em uma das paginas do meu livreco da *Geração Nova*.

Ha tempos tomei conhecimento do volume escripto por D. Merejkowsky, com o titulo d'este artiguinho, onde se estuda a pessoa e a obra dos dois grandes prosadores; está, com a auctorisação do auctor, traduzido para francez pelo conde Prozor e S. Persky e esta versão acha-se precedida d'um prefacio pelo conde Prozor. E' edição da antiga Livraria Academica Didier, hoje casa Perrin & C.ª, em Paris.

Ora, no livro primeiro, o capitulo III occupa-se do pensamento da morte em Tolstoi; elle é muito interessante; todavia, devo dizer que me parece que o critico não penetrou sufficientemente a fundo na questão mesma. Porquanto é a idéa da morte, permanente, irreductivel, que dá o tom especifico das composições romanescas de Tolstoi e as extrema entre todas na litteratura moderna, consoante flagrantemente nos é licito observar na sequencia dos quadros episodicos e das crises moraes que constituem a trama da *Guerra e Paz*. Não é o terror do anniquilamento, o horror da caducidade; o sr. Merejkowsky não distinguiu, na sua subtileza, o discriminado matiz; é a comprehensão de que só a idéa da morte póde valorisar a vida, emprestando-lhe independencia, nobreza e altura, dando sériedade ao que, de si, se nos figura não só inane e vão como irrisorio e grotesco.

Porto — Dez. de 1910. Bruno

Elojio das lágrimas

I

Lágrima é Alma que aflora
E á beira do Céu medita,
Mas que em breve se evapora
Para ser Vida infinita!

II

Quanto uma lágrima exprime
— Encanto, Dôr, Alegria —
E' o acordar do sublime,
Que dentro d'Alma dormia.

III

Os olhos são lábios d'Alma,
Dôr é sêde que devora,
Sêde de água a água acalma;
E por isso a gente chora.

Fonte de pranto desfeito
— A'gua divina a correr —
Vem das entranhas do peito
A' flôr dos olhos nascer.

Rega a face, corre em fio,
E o seio d'Alma, nascente,
E', depois do ardôr do Estio,
Primavera novamente.

IV

Quanto mais Amor me abrazas,
Mais a Alma vai subindo,
Chega aos olhos, solta as asas...:
São as lágrimas caindo.

V

Quando em meus braços te escondes
E perguntas se te adoro,
Calo-me. — Então não respondes...? —
E eu ólho p'ra ti e... choro.

VI

Almas — raizes sepultas...
Lágrimas — flores despontando...;
Quantas belezas ocultas
Só se conhecem chorando.

VII

Olhos que choram de mágoa,
Olham a Deus bem de fito:
Numa simples gôta d'água
Vem refletir-se o Infinito.

VIII

Chorar é partir, de mágoa,
O coração aos pedaços,
Transformál-o em beijos d'água
E a névoa d'água em abraços.

IX

«Já que a Sorte nos aparta
Venho dar-te o coração...»
Chorando, inundei a carta...
Vê se éra verdade, ou não...

X

Sãm as lágrimas salgadas...
Pudéra que assim não fosse:
Não que depois de choradas
Sente-se a Vida mais dôce.

XI

Quando choro e o chôro rola
Dos meus olhos baga a baga,
Porque é que alguem me consola,
De quem a mão que me afaga...?!

XII

Chorar por mágoas d'Amor
E' a divina surpresa
De ter esquecido a Dôr,
A admirar-lhe a grandeza.

XIII

Oh! Alma, oceano profundo,
Cheio de tantos escolhos,
Mas desce-te a Dôr ao fundo,
Traz as pérolas aos olhos.

XIV

Chorar é rezar aos céus,
Fazer acto de Humildade:
Quem chora acredita em Deus,
Confessa Amor e Bondade!

S. João do Campo.

[signature]

CYPRESTES

Extaticos Cyprestes, meditando
Na Terra da Verdade, em melancolicos
Jardins da Morte em flor, canteiro de almas:

Cyprestes dos humildes cemiterios,
Que fundos, remotissimos segredos
Da Vida saberão vossas raizes?

O que dirão, á aragem, vossos ramos
Longamente acenando e murmurando?

Cyprestes dos humildes cemiterios,
Que segredos sabeis da Morte obscura?

A Morte é vossa vida,—pois na Morte
Entrelaçaes, no chão, as fundas, áridas
Raizes; e, no espaço, ergueis a rama,
Tão verde que a não queima o proprio inverno;
E onde rebrilha a luz do sol; e as aves
Tecem os ninhos que são como flores
A abrir nas vivas pétalas das azas,
Nos cantos que se exalam como aromas...

Cyprestes dos humildes cemiterios,
Que segredos sabeis da Morte obscura?

Á clara luz do sol, ou, mais ainda,
Á dubia luz da Lua misteriosa
Desenhaes, pelo chão, as vossas sombras,
Como signaes de magico alphabeto,
Onde, talvez, os olhos dos Espiritos
Soletrem as palavras cabalisticas
Reveladoras de intimos anceios...

Cyprestes dos humildes cemiterios,
Que segredos sabeis da Morte obscura?

No vosso sangue vegetal— as seivas
Transfunde-se e transforma-se a energia
Do sangue do Homem, mesmo da sua alma:
Pois que, no chão em que viveis, lá fundo,
A Morte lhe trabalha o inerte corpo,
—Tornando-o á Terra, como torna aos mares
A nevoa que se ergueu ao céu e aos ventos:
E novamente ha de voltar ás ondas
Nas lagrimas das chuvas e do orvalho...

Cyprestes dos humildes cemiterios,
Que segredos sabeis da Morte obscura?

Ouvis. E, em vagos gestos, em longinqua
Mas vivida expressão de pensamento,
Vos conversaes comigo, á luz da Lua...

E as vossas longas falas silenciosas,
Que saudades me deixam! Que lembrança
De claras horas de bellêsa, mortas
Dentro em minha alma, Cemiterio de almas!
Que instinctivo, nostalgico desejo
De regressar á terra, á morte... á Vida...

Ai quem me dera a mim! ai quem me dera
Adormecer no cemiterio rustico
Da minha aldeia, entre montanhas, de onde
Tristesas e destinos me desterram:

E, desfeito o meu corpo nesse palmo
De terra onde já tenho amados Mortos,
—Velho Cypreste, que lá vive ha tanto,
Talvez, com suas aridas raizes,
Sorvesse alguma coisa do meu corpo,
Com elle, alguma coisa da minha alma:

E talvez, no seu tronco e sua rama,
(Como num verde e alegre Paraiso,
Num Céu de esquecimento e de renúncia,)
De novo eu me encontrasse em companhia
De esses que tanto amei, e já morreram...

E alli vivesse, emfim, na pura e candida,
Alegre santidade primitiva:
Não Homem, não! mas Arvore da terra,
Em canticos de luz e de verdura,
Cheio de paz e simples naturêsa.

Lisboa.

Antonio Corrêa d'Oliveira

CARTA

A UMA COMPANHEIRA DE VIAGEM

Minha Senhora:

V. Ex.ª vai achar extravagante, muito extravagante, esta carta. Comtudo poucas vezes ha de ter ouvido falar com tamanha seriedade e sinceridade. Venho pedir-lhe que continue a aquecer estas manhãs de nevoeiro e tristeza.

Ainda a noite me veste com a sua sombra, com a sua melancolia e entorpecimento; já a V. Ex.ª a envolve a aurora com claridades enternecidas e amigas. Vejo-a atravez o nevoeiro e o fumo, e V. Ex.ª é branca como a estrela d'alva. Olhamo-nos de longe, sem intenção e sem pensamentos. V. Ex.ª brilha, eu ilumino-me. Como é linda a sua touca de brancas nuvens!

. . . .

Mas as estrelas são longinquas, é a distancia que as produz. De perto seriam labaredas disformes e horriveis.

Permaneça, pois, minha senhora, longe de mim e da minha vida. Para que nos aprossimariamos? Eu tenho uma mulher que amo. E' original não é verdade? V. Ex.ª tem certamente pequenos defeitos na pele, qualquer pequenina miseria d'alma, cuja presença ha de desageitar-lhe a linha do corpo. Para que fazer secar esta fonte de Belesa, que é o nosso conhecimento vago atravez os vidros das nossas carruagens?

Eu viajo sempre no primeiro carro, V. Ex.ª no segundo. Que bom é sentir o misterio dos seus olhos suaves como as caricias longinquas dos astros! V. Ex.ª já pensou no misterioso estremecimento que lança o olhar da lua no coração do Mar? Não acredita na explicação newtoniana, pois não? Olhe: é assim, como isto que se passa entre nós. O seu olhar *desce*, envolve-me, e a minha alma oculta, aquela alma, onde dormem os segredos dos mundos, vai subindo em sonho, em irradiação, em amor. Sob o seu olhar interpreto a paisagem, acho um sabôr sideral á vida, vou ouvindo na intimidade do meu *eu* (?) *ineditas* recordações.

Lembro-me tão enternecidamente da minha infancia! Que profundo misterio, este dos seus olhos virgens me levarem o espirito para as recordações de creança!

. . . .

Embebido n'esse olhar suavissimo vou recordando:

O sabôr novo e para logo perdido da primeira communhão com a Natureza... Era n'um inverno, na mais formosa aldeia do mundo (que a minha aldeia é a mais bela de todas). O sol abraçava o corpo frio da terra, branca de neve, como era então a minha alma. As arvores nuas pareciam adormecidas ou mortas. Eu corria sobre a neve, quando *ouvi, nitidamente ouvi*, bulir a alma d'um castanheiro. Então, dobrado n'um assombro, senti-me crescer, crescer muito e a um impulso interior, desvairado e sem sentidos, correr liquefeito, intermino pelo horisonte silencioso e diafano...

Embebido n'esse olhar suavissimo, vou recordando:

Perdi a puresa, a virgindade, a fluidês. Fui petrificando nos moldes em que os homens me comprimiram. O meu coração encheu-se de sentimentos adaptativos e artificiosos. Esqueci a naturesa para me amoldar aos homens. Mas o rio da vida, sob a esteril penedia das lições dos homens, humilde, ia correndo sempre. Um dia tive uma maré d'alma; de novo á superficie subiu a ternura e a bondade. E desde então n'um deslumbramento continuado eu tenho vivido!

Embebido n'esse olhar suavissimo vou recordando:

Como se fez a minha resurreição? Foi ainda o Amôr. Tudo no Universo é obra do Amôr. E os olhos d'uma mulher são sempre os porticos que o Amôr rasga para dar entrada no Mundo. Apareceu-me Deus debruçado nos olhos d'uma mulher. E aquele Deus não era o todo poderoso mas o todo piedoso; tambem ele sofria, tambem ele tinha coração, tambem ele tinha o seu calvario. Calvario eterno —victoria eterna do Amôr? Não sei. Sei que me apareceu um irmão de sofrimento para quem corri de braços abertos e coração em chama. E fiquei a sentir uma infinita piedade por todas as cousas, a palpar um universal delirio, um recondito balbuciar de lagrimas...

. . . .

Embebido n'esse olhar suavissimo vou pensando:

Não nos aprossimemos. Para que? Deixando as almas em coloquio, afastemo-nos. O Amôr sabe puros caminhos espirituaes. As almas vivem embebidas no Misterio. Que o Amôr as guie; sob os seus passos brotarão estrelas e sorrisos.

V. Ex.ª nunca teve uma boneca? Lembra-se da felicidade com que a sentia viver e animar-se dos mais delicados sentimentos? Comprehende agora como isso era preciso ao desabroxar dos seus afectos e dos seus instinctos? Pois, minha senhora, a vida é uma fonte inexgotavel de Beleza. Basta não a querermos tornar enfadonha e má. O maior mal da vida é o vicio da logica. Raciocinar é tirar ao coração muita frescura, muita saude e muito amôr. V. Ex.ª vai já pensar que, se amo outra mulher, não devo receber da sua presença felicidade e alegria. Mas eu não a amo, nem a quero amar. Ou antes amo-a, mas amo-a n'outra mulher. Na mulher que amamos, amamos o Universo inteiro. E para que os labios da mulher amada nos digam todo o sonho disperso, toda a humildade, toda a dôr e anciedade do Universo, é preciso que o nosso coração tenha inundado todas as cousas e d'elas tenha recebido toda a beleza interior, toda a bondade latente.

Talvez V. Ex.ª me não comprehenda. Conhece o «Desterrado» de Soares dos Reis? Se conhece ha de ter sentido que ha naquela tristeza alguma cousa para além da saudade da patria. E' a saudade metafisica, o exilio do homem dentro do mundo. Sim, minha senhora, o homem é um eterno exilado. Lembra-se do abandono do «Homem que ri», quando creança, no deserto da praia e na sombra da noite? Eis a tragedia do destino. O homem é um solitario, um abandonado no Cosmos.

Aquela triste creança corre sobre o gelo, clama, e em torno a sombra impenetravel e muda. Arquejante, sem forças, a misera caminha cheia de assombros, e ninguem que responda ás suas esperanças, nenhum seio que acalente a sua alma transida. Assim o homem caminha na vida universal, espalhando esperanças, lagrimas e promessas.

A' sua boca que reza, aos seus olhos que admiram, ao seu coração que anceia nada responde no silencio universal.

No entanto esse silencio está cheio de vozes. A voz de tódas as humildades rezando as suas imperfeições, soluçando as suas esperanças, radiando os seus sonhos. E' a Beleza que assiste á creação. A Beleza é a encarnação do espirito. Por isso o amôr encarna em Beleza.

Amar tudo é descobrir a beleza a tudo. O que me acresce em Beleza augmenta-me em Amôr. Por isso este sonho ideal de Beleza, que V. Ex.ª fez nascer em mim, augmenta o meu amôr.

Como preciso das flores e dos astros, eu preciso de V. Ex.ª para en-

TOLSTOI (Desenho de Cristiano de Carvalho.)

ração de afectos que
...ja que, para mim,

este nosso ro-

...iverso é V. Ex.ª
...a para a minha alma sedenta. Eu devo-lhe muito, mas muito mais me deve V. Ex.ª. O mendigo que, abrasado de sede e desgraça, encontre uma fonte que o dessedenta e alegra, oferece a essa fonte a suprema riqueza — a riqueza de se dar, a generosidade.

Seja, minha senhora, a Generosidade, a Emoção; eu... o sonho que passa e se inebria, se exalta e se engrandece.

Matosinhos, Dezembro de 1910.

Leonardo Coimbra

A evocação da Vida

Para LEONARDO COIMBRA

Viver!... E o que é a Vida?...
— Atento, escuto
A primitiva e alta profecia...
E a escuta-la, a sonhar, vou resoluto,
Por caminhos de Amor, com alegria!
E vivo! E na minh'alma, a uma a uma,
Como num quebra mar de encantamentos,
Sinto as ondas bater, — ondas de espuma,
... Evocações, memorias, sentimentos...

Amo! — No meu Amor vivo a infinita,
A suprêma Belêsa, — sou amado!
E, pelo Sol que no meu peito habita,
Vivo em Amor, em Sol, aureolado!...
Lucto! Sinto o Futuro á nossa espéra,
Vivo, na minha luta, o meu Amor!...
E sinto bem que a eterna Primavéra
A alcançaremos só por nossa Dôr!
Sofro! E no meu sofrêr, nesta anciedade
Com que os meus olhos fitam o nascente,
Em devoção, em pranto, em claridade,
— Sonha o meu coração de combatente...

Sofrêr, luctar, amar —, vida completa,
Piedosa, humilde e só de Amor ungida —
— Meu coração de amante e de Poeta
— Sente em si mesmo o coração da Vida!...
Sonho exaltado e puro, Amor tam grande,
Que me domina todo e me levanta
A's regiões em que o sentir se expande,
E o coração da Vida sonha e canta!
Vida profunda emocionando mundos,
Lagrimas que nos falam de ventura,
Olhos de amado, olhos de amar, profundos
Olhos de devoção e de ternura!...
Olhos que em tudo sentem a Beleza,
A perfeição e o Amor de Éla,
Amor em que se exalta a naturêza,
A fonte, a nevoa, a flor, a rocha, a estrêla!...

Amor que tudo envolve, e em que repoisa
O Mundo num regaço de emoção,
E em que se funde a mais humilde coisa
Ao mais sublime e forte coração!..
Vida que num sorriso se condensa,
Num beijo puro sobre um puro olhar,
Que se sorri, se beija... E rude, imensa,
Em plena luta sabe triunfar!...
Vida piedosa e fraternal, — erguida
Ao sol, a abençoar e a redimir —
E que batalha e vence — pela Vida —
As victorias radiantes do Porvir!...

1910.

(Do Poemeto A Evocação da Vida.)

OS NOSSOS INQUÉRITOS

A Arte é social?

A questão proposta por Veraeren para que a *Aguia* chama a atenção dos seus leitôres sobre o que há de necessária ou acidentalmente social na arte e sobre a utilidade que póde haver em ella se tornar social, desde que essencialmente o não seja, não vem lá muito nitidamente delimitada nem muito claramente expressa.

A pergunta de Veraeren é assim concebida:

A arte é social? Se o não é, na sua essencia, deve ou póde sê-lo?

Mas social, em que sentido? Na sua origem? na sua natureza? nas suas consequencias? nos seus intuitos? Em relação ao processo que a cria? ao mechanismo que a transmite? ou ao espirito que a recebe?

Diante de questão tão vaga, força é separar os diferentes aspectos do problema e, tendo dividido assim a questão, resolvê-la em cada um dos seus pontos.

I

A obra d'arte, por maior e mais importante que nella seja o quinhão de originalidade individual, insere-se na vida social de que faz parte e de que ella é um dos caracteristicos. Um pôvo póde individualizar-se tanto no caracter das suas poesias como na côr dos seus cabêlos. Uma épocha póde caracterisar-se tão bem no estylo dos seus monumentos como na fórma da sua cultura.

Uma civilisação caracterisa-se psichologicamente por uma certa *unidade* espontanea — um estado d'alma commum e um ideal commum. Esse estado d'alma e esse ideal reflectem-se na obra d'arte, no que ella tem de mais profundo, por isso que é o que nella há de mais humano.

Surprehende-se nos homens do mesmo país e da mesma épocha uma maneira especial de entender e sentir as coisas (e mais na maneira de as sentir do que de as pensar), atitude commum da intelligencia, fundo commum da emotividade. Os desejos, as esperanças, as preocupações [illegible] seu meio e do seu tempo, [illegible] subtilissimos, penetra[illegible] com o proprio [illegible] que [illegible] tegram-se-lhes [illegible] ção, profundam[illegible]

E tanto assin[illegible] ria para definir [illegible] pôvo ou desen[illegible] passado uma [illegible]

pyrâmide de Keops, a esfinge de Gizeh, dizem-nos o segredo de toda a alma egipcia. O Colyseu, a Ariana adormecida, testemunham a grandeza de Roma. O espirito heleno, espirito de geometria, de ordem e de suprema belleza, revive no Parthenon, na Diana de Gabes, na Venus de Milo, obras immortaes de harmonia e de vida.

Há uma arte do século de Pericles como há uma arte do século de Augusto e outra do século de Luiz XIV. Chateaubriand e Musset são cristalizações artisticas da exaltação sentimental da sua épocha. Cada épocha histórica reconhece-se na arte por um estilo especial, que se revela tanto na música como em pintura, tanto em escultura como nas lêtras, e que é devido não só á influencia exterior dos mesmos mestres como tambem á influencia intrinseca dos mesmos sentimentos e das mesmas ideias. E' o que fez o valôr da arte como documento. Se assim não fôsse a história da arte seria um simples apanhado de biografias e bibliographias sem nexo. Ora esse nexo não só se reconhece dentro da mesma arte como entre todas as realisações da Belesa. E' o paralelismo evolutivo das artes. O lapis de Gavarni é bem animado pelo mesmo espirito que a pena de Zola. O romantismo está tanto na literatura, com Hugo, como na música com Wagner ou na pintura com Delacroix.

Na esphera do proprio pensamento especulativo se revéla uma tal origem. Os pensadores filosófam com a alma do seu pôvo. Resolvem-se problemas transcendentes com o sangue das nossas veias. Para só mencionarmos uma corrente moderna, não se sabe que o pragmatismo francês se distingue do pragmatismo anglo-saxão nisto: que onde o inglês põe o seu empirismo absoluto e as suas tendencias utilitarias, o francês põe a sua tradição racionalista o o seu gôsto de harmonia?

Nos systemas sociaes observa-se a mesma correspondencia. O socialismo inglês é absolutamente prático. é uma «businers», como escreve Sombart; na França as reivindicações operarias são penetradas de revolucionarismo e de *élan*; na Allemanha predomina a politica e o parlamentarismo.

E nem as próprias doutrinas scientificas deixam de sêr influenciadas pelo genio das raças. Quando se trata de estabelecer o Cálculo Diferencial, Leibnitz chega *especulando* onde Newton atinge *utilizando*: é a mesma corrente de pensamento que passa; mas colóra-o diferentemente o

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

A. Correia d'Oliveira

(Desenho de Jaime Cortesão.)

fundo da raça na sua consistencia original: speculativo e abstracto no alemão, utilitário e prático no inglês.

E se isto se dá com o pensamento scientifico ou com a especulação filosofica, o que será com a arte, que se insere mais intimamente na vida e na realidade? Aqui é mais certa a penetração social e o poder da ambiencia, porque a arte procede sentindo quando a sciencia actúa pensando. Há um maior poder de repercussão e uma maior capacidade de resonancia no sentimento do que nas ideias. O equilibrio emotivo é mais facil de estabelecer que o equilibrio intelectual. E muitas vezes já os homens estão de acordo pelo que sentem e ainda elles luctam pelo que pensam.

A arte é pois eminentemente social nas suas origens, e, neste aspecto pelo menos, mais social do que a sciencia e a filosofia. As obras d'arte são *funcção* do tempo e do meio, não já se vê, com a precição mathematica d'uma derivada, mas com a d'uma funcção cuja continuidade fôsse aqui e além interrompida pela visão mais directa de um homem de genio ou pela creação mais alta d'uma sensibilidade artistica.

II

Eis creada a obra d'arte sob a influencia do sentimento social, ei-la servindo-se como meio de expressão do fructo de toda uma elaboração social—a linguagem, o verso, a côr, o rithmo. Vejamos agora o que a arte tem *em si* de necessariamente social e os *efeitos* que produz fatalmente quer ella queira quer não, só pela simples razão de que realisa a Belleza.

A arte é social primeiro do que tudo, porque vem satisfazer uma necessidade social. No estado actual da constituição humana suprimir a arte seria suprimir alguma coisa que tem uma utilidade intrinseca, alguma coisa que vale na sua essencia e que fórma mesmo a justificação da vida.

Depois, a arte, que se originou n'uma resonancia, faz obra de resonancia social por sua vez. E trazendo em si um eco do passado e um reflexo do presente, traz tambem na sua força criadora uma porção do futuro que se faz. Pense-se por exemplo, nas almas romanticas que produziu a *Nova Heloisa* e a *Clarisse Harlou*; nas paixões melancólicas que originou a *Confession d'um enfant du siècle*; no número de suicidas que determinou *Werther*; no amôr das mundanas que seguiu a *Dama das Camelias*; na influencia poderosissima dos romances de Tolstoi.

A arte põe em comunhão as almas: socialisa. Nascida da sympathia, ella própria é creadora de sympathia. Que potencia de agregação social não reside num quadro de Rafael, num busto de Rodin ou numa sinfonia de Beethoven? Dizia este grande artista: «A música é o vinho que incita a todos os enthusiasmos creadores e eu sou o Baccho que prepara aos homens o Vinho miraculoso e que lhes traz a embriaguez espiritual.» E' certo que a arte póde propagar sentimentos anti-sociaes, e alguma coisa há d'esses sentimentos nas obras mais espirituaes e mais nobres—tem-nos o patriarcha de Iasnaia Poliana na *Sonata de Kreuzer*, como os tem o patriarcha de Bayreuth no *Tristão* e *Isolda*. Mas sêr anti-social não é já sêr social d'uma certa maneira?

E mesmo com este caracter anti-social no seu objecto ou no seu intuito, independentemente d'isso, a arte exalta, a arte ilumina, a arte acresce o valôr da vida humana. Ella espiritualisa, afastando as almas da materia bruta. Ao ouvir certos trechos de musica todos nós temos sentido por vezes ondas de amôr e de ternura universal afluirem-nos ao coração, como se cada nota fôsse um rithmo de respiração humana ou a pulsação d'um coração que estremece. A arte é uma lição de tenacidade e de carinho, de visão profunda e de interesse universal.

Aos olhos vulgares passa despercebida muita realidade. Vivemos a vida sem a sentirmos. Rodeia-nos de todos os lados o mystério. Mas de vez em quando surgem vistas mais penetran-

ROSA-LYRA

O eterno feminino attrahe-nos para o céo.
(GŒTHE, 2.ª parte do «Fausto».)

Nelumbo côr de rosa á flor das aguas,
Diademado de sol, erguendo a face:
Extasiado, o Poeta, longe as maguas,
Na graça do teu corpo os olhos pasce...

Feliz de quem, do amor na apotheose,
O nectar do teu calix ébrio gose!

Rosa de carne como um luar de rosa,
Ou rosa de luar em carne feita:
E' uma volupia estranha e capitosa
Essa fragancia que o teu corpo deita:

Feliz de quem o teu perfume aspira
E de aspira-lo em extasis delira!

O collo em lyra, dois rubis ao alto:
Em lyra as ancas, uma rosa ao centro:
Dupla lyra de prata: e em sobresalto
Um par de rolas a gemer lá dentro.

Feliz de quem as tuas cordas vibra
E aos teus accordes para os ceus se libra!

Lyra que mesmo adormecida canta
Em voz de sonho uma canção de lenda:
Rosa que mesmo assim fechada encanta
E a alma prende antes que os olhos prenda!

Feliz, ah! bem feliz de quem, ó rosa,
Com o teu o seu halito desposa!
E feliz, mais feliz de quem, ó lyra,
Rima os seus ais co'os teus, quando suspira!

1904.

tes e sensibilidades mais despertas que fixam na linguagem humana, na linha, no som, no verso, tudo o que há de desconhecido em roda de nós e em nós mesmos. Pela arte inserimo-nos mais na realidade, pômo-nos em communicação mais directa com os corações que soffrem e com as fibras intimas que se despedaçam. Ecôa no intimo de todos nós, estranhamente vivida, a dôr revelada pela Arte. E porque leva a um *conhecimento* da natureza e da vida mais profundo e intuitivo do que a toda a sciencia o poderia fazer, ella ensina. E porque leva a um gráu de acuidade máxima o soffrimento dos soffrimentos humanos, ella moralisa também. Ensina sem didactismo e moralisa sem dogma.

Ensina e moralisa como um fremito de vida.

Fazendo-nos sentir a dôr alheia d'uma maneira como até então a não tinhamos sentido, ella inspira-nos o afecto e a piedade. Desde então, para os olhos assim despertos pela arte, nenhuma vida é banal. Olha-se para as almas como para estrêlas que tremessem e vibrassem. As almas são astros que se rasgam ou que sangram, astros que cantam ou se dilaceram. A vida é um fenómeno sagrado formado de coisas sagradas. Assim educado pela arte, o homem habitua-se a considerar a Vida de joelhos. *A arte é pois uma creadora de sympathia humana.*

Confessa d'Annunzio: «A dôr fez de mim um homem novo. Os livros de Leão Tolstoi e de Dostoiewski concorreram para desenvolver em mim este novo sentimento». E d'ahi por diante, as obras de d'Annunzio, que não eram mais que a psichologia mórbida, muito penetrante, d'um *unico* homem nos braços de *successivas* mulheres, passam a evidenciar um elemento estranho, muito *exterior* mesmo á alma de D'Annunzio — como se pôde ver no *Intruso*.

Podemos pois concluir que a arte, nascida da sociedade de que faz parte, lição de energia humana e de paciencia, de desinteresse e de sacrificio, lição de realidade e de vida, produtora de sympathia e de sensibilidade, é, independentemente dos intuitos *surajoutês*, não só social, como eminentemente moral.

Temos, pois, respondido á primeira parte da questão levantada por Veraeren. A arte é social, essencialmente social, na sua origem, na sua natureza e nos seus efeitos. No proximo número veremos se ella póde ou deve sêr social no seu objecto ou nos seus intuitos, desde que sob esses pontos de vista ella necessariamente o não seja.

Raul Proença

As creanças e a Republica

Ao ministro do interior
DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

Banalidade é affirmar-se que um povo vale tanto mais quanto maior fôr a consideração e o prestigio por elle attribuido ao professor primario, ao mestre-escola. Se a Allemanha, glorificando as victorias de 1870, com ellas enalteceu o mestre-escola, o Japão, ainda ha pouco, como alto premio d'apreço e suprema recompensa que um cidadão illustre póde conquistar, concedia a modesta cathedra d'uma escola communal a um dos seus mais heroicos chefes militares.

Isto porque? Como justificar tal culto pelo humilde professor?

Porque atravez d'elle vemos as gerações futuras. São as creanças que estão em jôgo; são ellas afinal as que fundamentalmente nos interessam. Por isso poderemos dizer que o

gráu de civilisação nas sociedades modernas se avalia pelos cuidados e carinhos dedicados ás creanças. Nos povos selvagens o proprio amor maternal se oblitéra, annulando-se por completo.

A' medida que as sociedades vão evolutindo progressivamente, o amor pelas creanças vae engrandecendo-se até attingir a febril preoccupação que caracterisa a epocha actual.

A Revolução Franceza dedicou-lhes sessões memoraveis nas suas grandes assembleias, principalmente na Convenção. E' que a liberdade é a maior amiga das creanças. Quando os póvos a conquistam, as creanças beneficiam do seu sopro vivificante. Ao despotismo corresponde sempre o embrutecimento e o abandono da infancia. Intellectual e moralmente a tyrannia deprava, intoxica os cerebros infantis. Entrega-os ao congreganista, ao jesuita, para que os modele á sua imagem, os bestifique na adoração do dogma esterilisador, paralysante. Economicamente ainda, a tyrannia ex- [illegible] plora as creanças, entre outros meios, pela assistencia clerical, sugando á tenra *chair à machine* todo o trabalho que ella penosamente possa dar.

A semana tragica de Barcelona gritantemente certifica, com os protestos do proletariado catalão contra o rebaixamento da mão d'obra na producção conventual, a torpissima exploração dos menores pela *caridade catholica*.

Portanto, emancipemo-nos, quebremos os grilhões, se quizermos as creanças libertas, expandindo-se luxuriantes na conquista d'um futuro melhor.

Que a Republica em Portugal seja sobretudo para ellas e, em especial, para os filhos dos humildes, dos pobres. Que o doloroso espectaculo de creanças sem abrigo, dormindo pelos portaes, tiritantes de frio e de fome, possa, dentro em breve, desapparecer da terra portugueza.

Ha tanto ainda que fazer em Portugal em beneficio da infancia!

O Estado, o Municipio, a Parochia, devem acompanhar com leis, instituições d'assistencia e protecção, as creanças desde a sua concepção no ventre materno até que attinjam a idade adulta.

Com *maternidades, com subsidios pecuniarios e uma lei de repouso* para as mulheres gravidas, dois mezes antes do parto, protejamos o feto, permittindo, auxiliando, o seu completo desenvolvimento. Com *a lei Roussel* esforcemo-nos por garantir ao filho do pobre o leite materno, tratemos d'impedir que o filho do rico comece tão cêdo o parasitismo á custa da prole do proletario.

Assegure a Republica a assistencia durante o parto, principalmente na provincia, decretando que as camaras municipaes, assim como fundam e manteem os partidos médicos, tambem reservem nos seus orçamentos uma verba para subsidiar uma parteira diplomada capaz d'um superior desempenho da sua missão.

Nascida a creança, proteja-se ainda a mãe, soccorrendo-a pecuniariamente durante o primeiro mez *post partum*, não consentindo que ella volte logo para o trabalho extenuante do atelier, da fabrica. N'esta cruzada o patrão, o chefe d'industria deve auxiliar quanto possa a acção do Estado, do Municipio, da Parochia.

N'este primeiro mez é que *as consultas d'amamentados, as gottas de leite ou lactarios*, prestam serviços incalculaveis. Graças a taes instituições, faremos propaganda das mais elementares e indispensaveis noções [illegible] faremos continua- [illegible] de puericultura, vigia[illegible] mente o aleitamento das creanças, evitaremos faltas graves, promptos sempre a uma intervenção rapida e criteriosa.

Passado o primeiro mez começam as *crèches* a desempenhar o seu papel insubstituivel.

Instigue-se a sua creação junto ás fabricas, nos grandes centros; estatua-se que os industriaes, as companhias, etc., devem contribuir com uns tantos por cento dos lucros da empreza para essa obra de solidariedade social.

Dê-se o direito á operaria, á costureira, de dispôr de meia hora, duas vezes por dia, para ir amamentar o filho.

Assim terá a Republica, como uma segunda mãe previdente e amorosa, acompanhado os seus filhos até á idade escolar.

Desde este momento a Republica deve redobrar d'esforços, de cuidados, se é permittido dizer-se. Tem de velar não só pela saude physica mas tambem pela saude intellectual e moral das creanças.

Com as *cantinas e as mutualidades escolares* nutril-as-ha, desenvolverá n'ellas os sentimentos de solidariedade, de fraternidade, de economia e previdencia. Com as escolas ao ar livre, no campo, á beira-mar, os jardins d'infancia, as colonias de ferias, as excursões, os banhos de mar, tonifical-as-ha, dar-lhes-ha um corpo forte, um caracter integro.

Que a Republica arranque inteiramente as creanças ás escolas confessionaes, instituindo *o ensino primario obrigatorio, laico e gratuito*. Será a maneira mais efficaz e poderosa d'alliar a um corpo são uma intelligencia sã.

Estarão porventura cumpridos os deveres da Republica para com as creanças?

Não. Terá ainda de facultar-lhes o ensino technico, as escolas d'artes e officios; terá de fornecer-lhes os meios indispensaveis á lucta pela vida cada vez mais áspera, cada vez mais exigindo combatentes dextros e aguerridos.

E só quando tiver cumprido todos os seus deveres para com os filhos dos pobres, terá a Republica o direito de cuidar dos dos ricos. Mas que á creança pobre, que pelo seu estudo e talento se destaque, lhe seja facilitado o accesso dos estudos superiores com o auxilio das *bolsas escolares, dos subsidios pecuniarios*.

Nos lyceus importa á Republica acompanhar de perto o desenvolvimento mental [illegible] mental com o desenvolvimento physico dos estudantes. A inspecção medica escolar que exige profissionaes especialisados, conhecendo profundamente a creança nas suas particulares expressões somaticas e psychicas, tem d'entrar fatalmente no plano geral d'assistencia, instrucção e educação traçado pela Republica.

Falta-nos ainda a protecção, a assistencia á creança doente, á creança anormal, delinquente, aos expostos. Se a creança saudavel deve merecer todo o nosso amparo, como recusal-o áquella que se debate com o soffrimento, com a ameaça da morte?

A *hospitalisação infantil*, os *dispensarios, os sanatorios maritimos, fluctuantes, os asylos*, são por conseguinte um dever para a Republica. As creanças doentes devem ser hospitalisadas em edificios que exclusivamente se lhes destinem. Tanto o pessoal medico como o d'enfermagem deve ser especialisado.

As creanças anormaes, delinquentes, requerem cuidados, educação especiaes. Cursos proprios, casas de correcção orientadas n'um sentido moderno em que a bondade seja a norma directriz como na modelar instituição ingleza «Forja d'almas» de Redhill, tudo isso devem crear e desenvolver as instituições republicanas.

Por ultimo, que o ensino da Pediatria nas Escolas Medicas e na Universidade seja o digno fecho d'esta vasta obra de protecção ás creanças.

Hermes da Fonseca, n'uma *interview*, declarou que o que mais o havia con-

vencido da transformação proxima das instituições politicas portuguezas fôra o amor, a paixão enthusiastica com que as creanças de Lisboa saudavam a Republica.

Que a Republica lhes agradeça em carinhosos disvellos essa instintiva mas grandiosa prova de confiança e dedicação.

Angelo Vaz

THEATRO

(PRINCIPIO DE UM ARTIGO)

No theatro tudo deve ser theatro.

Uma vez no palco, o artista impregnar-se-ha, absolutamente, do sentimento da dissimulação.

A verdade deve chocá-lo como, cá fóra, a uma alma sensivel deverá offender a mais leve mentira — uma joia falsa que seja!

Quanto mais consciente o actor fôr da sua dissimulação, mais temperamento tem; quanto mais sereno conseguir ser maior artista é.

Viver na scena é deshonestidade tão feia como representar na vida.

No theatro é preciso que as coisas sejam o que não são, e apparentem ter o valor que não têm. Luz, paisagem, moveis, joias, tecidos, corpos, almas são tanto mais bellas quanto mais bellamente falsas forem.

O theatro é o unico sitio onde a mentira é digna.

. . . .

Anthero de Figueiredo

BIBLIOGRAFIA

«Para a lucta» — José Augusto de Castro — Lisboa, 1910.

Surge êste livro, ao povo português dedicado, numa época bem diferente daquela em que o seu autor o concebeu e trabalhou.

Livro de luta intensa e de combate, os brados de revolta que nele acesamente vibram nada perdem, todavia, da sua oportunidade, nem o seu calor menos aquece aqueles que o lêem e compreendem, solidarizando-se com o espirito revoltado do Poeta e com as suas largas e humanas aspirações de Verdade e de Justiça.

Esses versos, em que, não obstante o fogo de indignação que os incendeia, perpassa um emocionado sôpro de piedade pelos opressos e humildes, flagelam altivamente, com a indómita irreverência dum rebelde que nenhuma transigéncia entibia, todas as opressões e iniquidades.

E' um incitamento ás almas ainda não corrutas, impelindo-as á luta aberta e sem tréguas a todas as proteiformes encarnações da Mentira e do Odio, derrubando idolos e desconjuntando os tronos dos tiranos, que ao seu despotismo o homem secularmente acorrentaram, humilhado e envilecido.

Estes livros são precisos. Nas epocas criticas de desfalecimento e de descrença, quando a nacionalidade ameaçaria subverter-se, por falta de coesão cívica e pela pulverização da consciéncia colectiva, é necessária uma voz que desperte e abale as dormentes energias do Povo, e quem senão o Poeta poderia tal obra empreender?

Não é o Poeta, pela sua mais sensivel vibratilidade, quem melhor pode

J. A. de Castro
(Desenho de Verjílio Ferreira.)

compreender a alma do Povo e que mais intimamente com ela pode comunicar, concentrando na sua voz todos os clamores de justiça e todas as imprecações de Odio dos que da vida só conhecem a face dura e hostil, eternas vítimas de todas as misérias, esmagados ao pêso de todos os despotismos e escarnecidos pelas mais vis simulações do Direito?

O Poeta não deve isolar-se dentro da doirada torre do seu idealismo, nem deve esterilizar-se o seu sentimento nos temas gastos dum emotivismo estritamente pessoal. Acorda, é tempo! clamava o claro espirito que o nome de Antero imortalizou.

E' ao poeta que dorme, á sombra dos cedros seculares, longe do fragor da luta em que seus irmãos combatem, que êle incita, lançando-o para a solidariedade viril da refrega e dele fazendo o soldado heroico do Futuro:

... E dos raios de luz do sonho puro
Sonhador, faze espada de combate!

Não há miséria que não comova a alma do poeta que estas linhas inicialmente motiva, nem torpeza que lhe não arranque os brados mais altivos de indignação. A Pátria ameaça sumir-se no abismo a que a arrasta, perante a impassivel indiferença dum povo apático, a doirada coorte dos que aos seus destinos lançaram a poluida e criminosa mão? Apagaram-se com repulsivos borrões de lama todas as fúlgidas glórias dum passado grande e belo? Completou o jesuita a obra de depressão, amarfanhando as energias vitais duma raça heroica e prostituindo as sublimidades nobilitantes do pensamento humano,

Envolvendo a Razão na mortalha da Fé — !

Choram crianças a fria miséria da sua orfandade, vagueiam pela sombra mulheres, escondendo a vergonha da sua perdição, ouvem-se gritos de famintos, gemidos de pobres seres que nunca conheceram o calor dum beijo ou o conchêgo dum lar? Há miséria, luto, dôr, hipocrisia ou torpeza? O Poeta ergue-se altaneiro e insubmisso, e da sua alma rebelde, que um sonho grandioso duma larga era de universal felicidade ilumina e aquece, irrompe

um brado atroador de eterna maldição!

Ao Povo se dirige o Poeta, e, na verdade, só a êle vale a pena alguém dirigir-se, pois só êle conserva ainda na rudeza da sua alma incorruta a chama da fé e o entranhado ódio á mentira e ás maquinações ignominiosas dos tiranos. Do Povo surgem as energias redentoras no momento decisivo da luta.

O poeta teve ainda a felicidade de poder cantar o triunfo da República no mesmo livro onde impiedosamente flagelava a criminosa baixeza dum regime caraterizadamente reaccionário, que abrigava a estulta pretensão de opôr-se á corrente impetuosa do Progresso. As suas palavras são todavia ainda de incitamento e de combate, pois que a obra a que o poeta aspira não está senão esboçada.

Temos de lutar constantemente, sem desfalecimentos nem faceis ilusões de triunfo, até que a liberdade não seja uma palavra vã e sobre a terra se estabeleça uma época feliz de paz e de fraternidade, norteados os homens pelos ditames da sua consciência esclarecida e sendo a Verdade e a Justiça os grandes principios reguladores da vida colectiva. Uma utopia, um sonho do poeta, visionador de irrealizaveis fantasias? Não, por certo. Para o futuro caminhamos, lutando, esclarecendo, educando, e agora que já nos não atravanca o caminho o estôrvo da monarquia, com todo o seu sistema organizado de corrução e reaccionarismo, mais facilmente podemos romper pela estrada, além da qual esplende essa ideal primavera que o nosso sonho concebe e o nosso esfôrço acalenta. E' o poeta ainda que impele á luta, bradando ao Povo as palavras de combate, incitando-o, pondo-lhe deante dos olhos a visão radiosa dêsse ideal futuro...

E por mais que o Futuro em que tu sonhas diste,
que a tua voz o chame e o teu esfôrço o traga!

Jaime Cortesão

"O Poeta,,

É do livro «Arte e Medecina — Antero de Quental e Sousa Martins», a sair brevemente, o trecho de Jaime Cortesão publicado no 1.º número d'*A Aguia*.